

EDITORA



UnB

INTERFACES EM PSICANÁLISE

Subjetivações e Cultura

Daniela Scheinkman
Márcia Cristina Maesso
Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato
Ana Giulia de Araújo Conte
Aline Vidal Varela
Muriel Romeiro da Costa e Silva
Alessandra Carvalho Vieira da Silva
Jéssica Nayara Cruz Pedrosa
Igo Gabriel dos Santos Ribeiro
Fabrício Gonçalves Ferreira

(organizadores)



Pesquisa,
Inovação
& Ousadia



Universidade de Brasília

Reitora : Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor : Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora : Germana Henriques Pereira
Conselho editorial : Germana Henriques Pereira (Presidente)
: Ana Flávia Magalhães Pinto
: Andrey Rosenthal Schlee
: César Lignelli
: Fernando César Lima Leite
: Gabriela Neves Delgado
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
: Liliane de Almeida Maia
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira
: Roberto Brandão Cavalcanti
: Sely Maria de Souza Costa

EDITORA



UnB

INTERFACES EM PSICANÁLISE

Subjetivações e Cultura

Daniela Scheinkman

Márcia Cristina Maesso

Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato

Ana Giulia de Araújo Conte

Aline Vidal Varela

Muriel Romeiro da Costa e Silva

Alessandra Carvalho Vieira da Silva

Jéssica Nayara Cruz Pedrosa

Igo Gabriel dos Santos Ribeiro

Fabício Gonçalves Ferreira

(organizadores)



Pesquisa,
Inovação
& Ousadia

Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais

Coordenação geral : Thiago Affonso Silva de Almeida
Consultor de produção editorial : Percio Savio Romualdo Da Silva
Coordenação de revisão : Denise Pimenta de Oliveira
Coordenação de design : Cláudia Barbosa Dias
Revisão : Lara Andressa da Silva Carvalho
Diagramação : Lislayne de Oliveira Gonçalves

© 2023 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

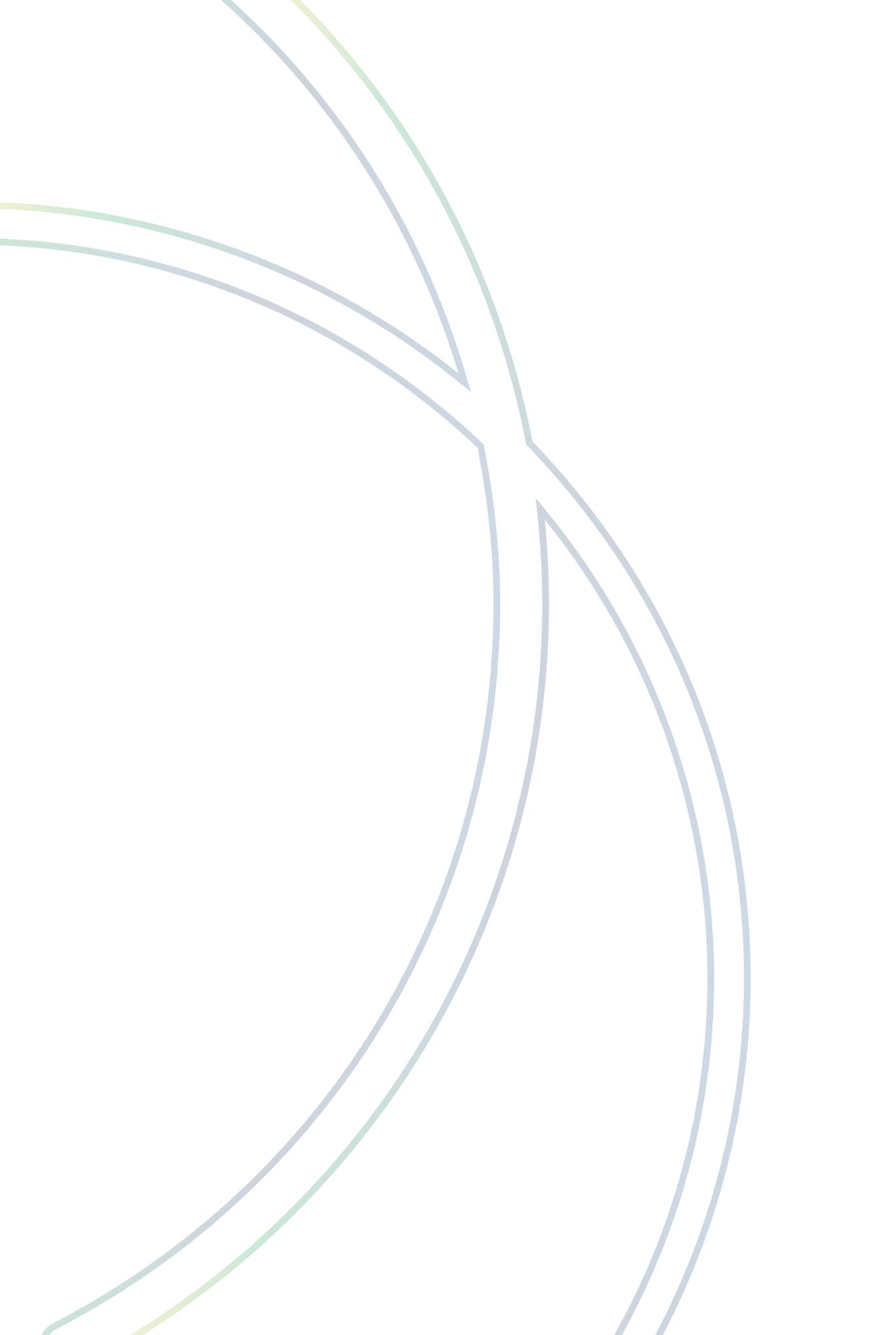
I61 Interfaces em psicanálise [recurso eletrônico] :
subjetivações e cultura / (organizadores)
Daniela Scheinkman ... [et al.]. – Brasília :
Editora Universidade de Brasília, 2024.
218 p. – (Pesquisa, inovação & ousadia).

Formato PDF.
ISBN 978-65-5846-067-1.

1. Psicanálise. 2. Cultura. I. Scheinkman,
Daniela (org.). II. Série.

CDU 159.964.2

Agradecemos à FAP-DF e ao CNPq pela parceria e incentivo à cultura e aos projetos acadêmicos.



Sumário

Apresentação 11

Prefácio 13

Miriam Debieux Rosa

Parte I

Psicanálise e parentalidade

Psicanálise e maternidade 21

Aline Vidal Varela, Ana Isabel Pereira, Cintia da Silva Lobato Borges, Daniela Scheinkman e Ingrid Mello Pereira Soti

Parentalidade contemporânea 33

Vanessa Correa Bacelo Scheunemann

Parte II

Psicanálise e relações raciais

Cabelo crespo e pele escura 47

Melissa Souza Silva, Lara Gabriella Alves dos Santos, Vítor Luiz Neto, Elzilaine Domingues Mendes e Márcia Cristina Maesso

Violência, trauma e memória 57

Joyce Avelar, Igo Gabriel dos Santos Ribeiro e Fabrício Gonçalves Ferreira

O racismo estrutural na transmissão psíquica 69

Alessandra Carvalho Vieira da Silva e Eduardo Portela

Parte III

Psicanálise, arte, literatura e cultura

Maternidade: única saída para a feminilidade? 83

Jéssica Nayara Cruz Pedrosa e Isadora Fane Carvalho e Silva Lustosa

Considerações sobre a criação 93

Antonio Trevisan, Ana Giulia de Araújo Conte, Roberto Medina, Márcia Cristina Maesso e Valéria Brisolara

A escrita de si freudiana 101

Valéria Machado Rilho, Laene Pedro Gama e Daniela Scheinkman

Um outro com quem contar 111

Guilherme Henderson

Parte IV

Psicanálise e trabalho feminino

Trabalho doméstico 123

Alexandre Rezende, Carla Antloga, Fabrício Gonçalves Ferreira e Hugo Martins

Parte V

Psicanálise extramuros/ políticas públicas

Cuidapsi e o tratamento das narrativas pandêmicas 137

Alvinan Magno Catão, Eliana Rigotto Lazzarini, Muriel Romeiro da Costa e Silva e Nelson de Abreu Jr (*in memoriam*)

O psicanalista nos contextos públicos 149

Samuel Ted Almeida de Pereira, Amanda Soares Dias e Márcia Cristina Maesso

Até o osso 159

Fernanda Guerra Roman Náufel do Amaral e Juliano Moreira Lagoas

Parentalidade e saúde pública 173

Ingrid Fernandes dos Santos e Katia Cristina Tarouquella Rodrigues Brasil

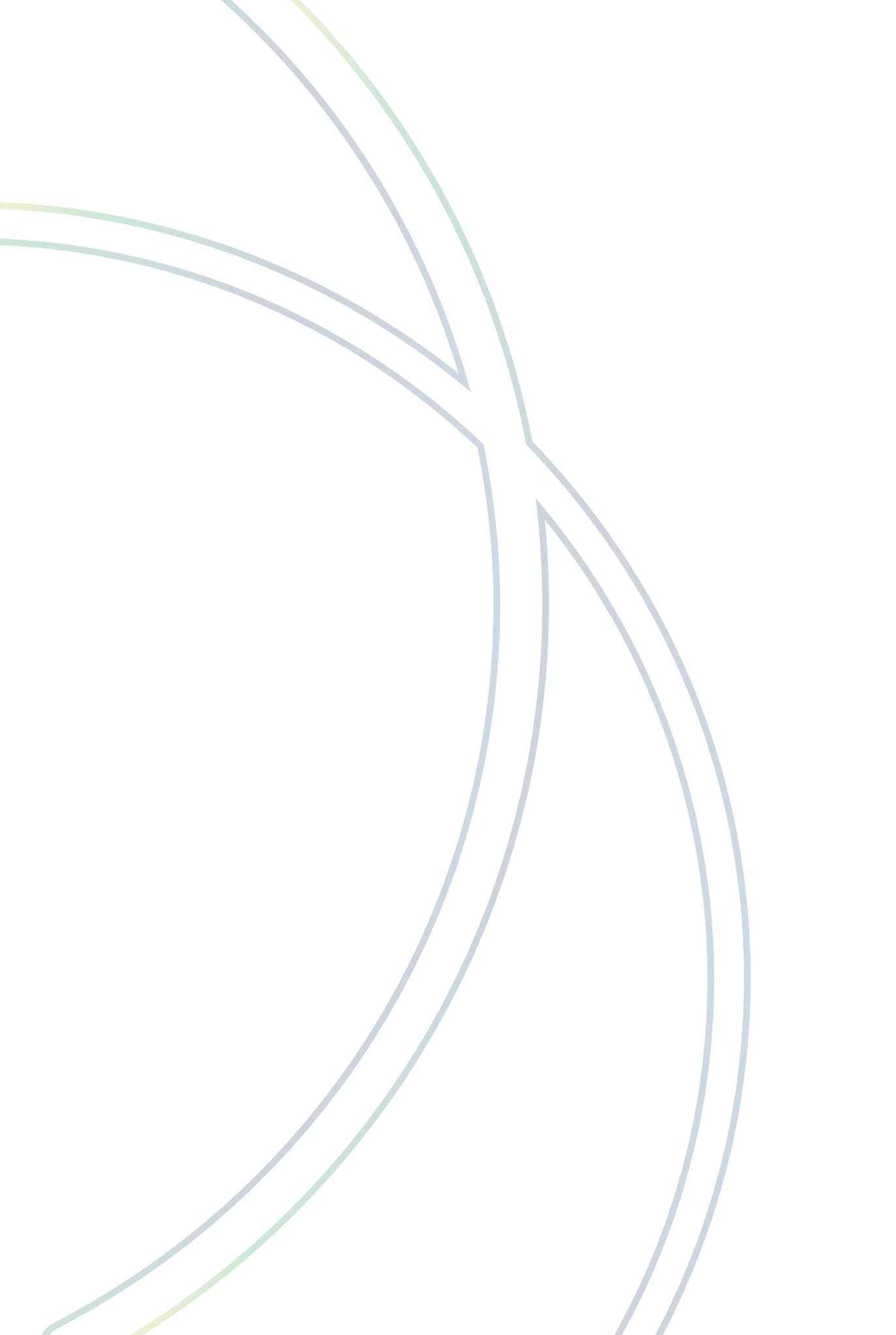
A clínica psicanalítica com o sujeito em condição de rua durante a pandemia 187

Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato, Daniela Scheinkman, Eduardo Portela,
Eduardo Ribeiro Vasconcelos e Patrícia da Cunha Pacheco

Freud e os primeiros trabalhos para uma nova psicopatologia 199

Renato Palma, Marco Antonio Coutinho Jorge e Jean-Michel Vivès

Sobre os autores e organizadores 211



Apresentação

A Psicanálise, criada por Sigmund Freud, surge como uma nova modalidade de discurso que Jacques Lacan vai conceber, em sua retomada freudiana, como laço social, que corresponde, então, a uma práxis original, na medida em que inaugura uma subversão no modo de saber, no modo de intervir na clínica e nas relações estabelecidas tradicionalmente no discurso da ciência e no campo social. Assim, o propósito deste livro é investigar as demandas contemporâneas que exigem da psicologia e da Psicanálise novos dispositivos metodológicos que não aqueles da clínica tradicional, de modo a avançar nas pesquisas e construir algumas possibilidades de interlocução pautadas na interdisciplinaridade de saberes acompanhando as mudanças sócio-histórico-culturais.

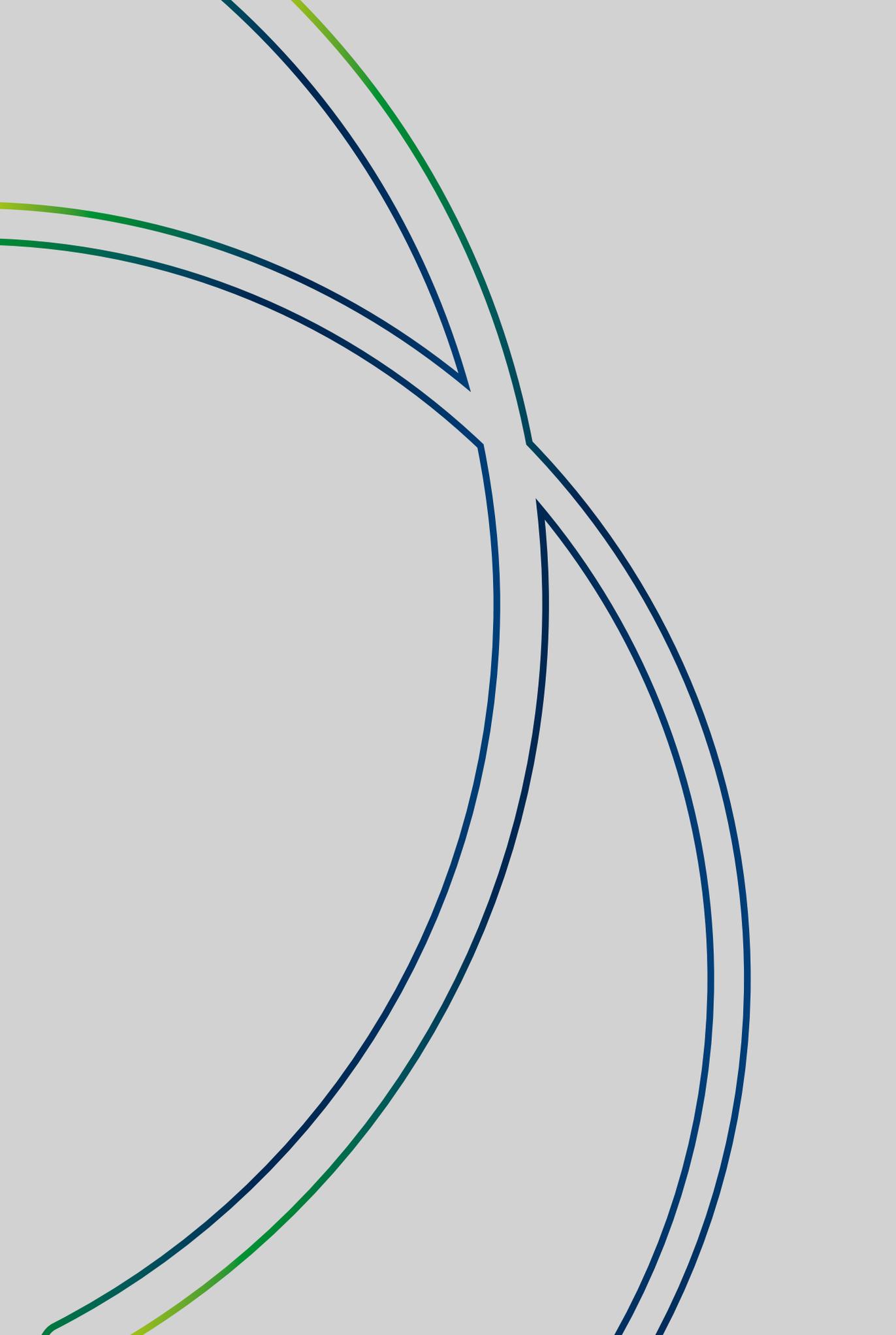
O livro origina-se do Laboratório de Psicanálise e Subjetivação (Lapsus), inserido no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) da Universidade de Brasília (UnB). Diante das inquietações teórico-clínicas, surge nosso desejo de aprofundar, numa dimensão sociopolítica, na leitura psicanalítica contemporânea do sofrimento psíquico. O discurso analítico toma a linguagem como possibilidade de construção de novas narrativas e tem como compromisso ético-político transmitir e promover debates sobre o mal-estar na atualidade.

A escolha do tema é a busca pela inovação e pela interface da Psicanálise com outros campos de saber para construir uma abordagem conjunta de intervenção sobre o sofrimento psíquico na contemporaneidade. Pretendemos contribuir, assim, para a atualização, a disseminação e a divulgação de pesquisas da Psicanálise no campo científico, consolidando a formação de parcerias internas e externas à Universidade de Brasília. Para isso, trabalharemos com alguns subtemas divididos nos seguintes eixos:

1. no eixo “Psicanálise e parentalidade”, abordamos a elaboração psíquica da assunção à função parental, bordejando estratégias dadas pelas mulheres, uma a uma, frente à maternidade, além de costurar a concepção da parentalidade à clínica psicanalítica;
2. no eixo “Psicanálise e relações raciais”, propomos pesquisas sobre o sofrimento sociopolítico e suas consequências para a subjetividade dos sujeitos negros;
3. no eixo temático “Psicanálise, arte, literatura e cultura”, trabalhamos a interface entre Psicanálise e arte, pensando a arte estruturada como uma linguagem do inconsciente, este, por sua vez, também estruturado como uma linguagem;
4. no eixo “Psicanálise e trabalho feminino”, buscamos promover reflexões referentes à associação da subjetividade com as relações de gênero e trabalho, além de construir paradigmas que repensem as relações de trabalho e feminilidade;

5. por fim, no eixo “Psicanálise extramuros/políticas públicas”, destaca-se a presença do psicanalista em espaços antes não pensados e que permitem a abertura de novos dispositivos clínicos adequados ao contexto social e às políticas públicas.

Entendemos que este projeto se faz relevante por reunir saberes diversos no contexto acadêmico e pela sua difusão do conhecimento científico para a sociedade e para o avanço teórico e clínico da Psicanálise.



Psicanálise extramuros/ políticas públicas

Parte V

Até o osso

Fome, ideologia e psicanálise no Brasil contemporâneo

Fernanda Guerra Roman Náufel do Amaral
Juliano Moreira Lagoas

Considerando o crescimento alarmante dos índices da fome no Brasil durante os últimos anos, a proposta deste capítulo é analisar os impasses ideológicos e os desafios éticos no campo das práticas e políticas alimentares no Brasil atual. Adota-se, nesse sentido, os princípios metodológicos da Análise do Discurso, de matriz francesa, em articulação com os aportes teórico-clínicos da Psicanálise, visando mapear e examinar alguns dos principais marcos das políticas de combate à fome no Brasil na última década (2010-2022). Destacam-se, nas análises, o caráter cínico, individualizante e paranoide das narrativas que permeiam os debates sociais sobre a questão da fome ao longo desse período. Partindo dos marcos eleitos, busca-se evidenciar algumas das operações ideológicas que constituem os discursos sobre a fome no Brasil, e de tentar mostrar, ao termo do percurso, que a criticidade da angústia instaurada pela fome parece elevar-se ao ponto de não poder mais operar como um motor dos processos de simbolização, afastando, assim, qualquer possibilidade de um tratamento psicanalítico desses sujeitos. O que se observa, por fim, é que a crise alimentar pela qual passamos é também uma crise da subjetividade contemporânea, na medida em que apaga e silencia os sujeitos, convocando a Psicanálise ao desafio de criar e recriar as condições de recordação, repetição e elaboração das mazelas estruturais sob o signo das quais foi tramada a história do país e de seus sujeitos. Apesar de seu caráter fortemente imaginário, a ideologia opera em atos. É a partir dessa perspectiva que exploraremos, no decorrer deste capítulo, os discursos que pavimentaram as políticas de combate à fome no decorrer da última década no Brasil. O percurso aqui proposto se constrói a partir do recorte de discursos entre os períodos de atuação dos governantes empossados, a saber: Lula e Dilma (2010-2015), Michel Temer (2016-2018) e Jair Messias Bolsonaro (2019-2022), na tentativa de evidenciar algumas interpelações ideológicas a partir das quais se estruturam as discussões contemporâneas sobre a questão da fome. A Psicanálise, eis o que pretendemos deixar mais claro ao longo do capítulo, nos convida a pensar as intrincadas relações entre linguagem, ideologia e realidade no campo das práticas e políticas alimentares. O objetivo é, portanto, o de tentar evidenciar a dimensão político-ideológica dos discursos sobre a fome no Brasil, bem como esboçar algumas possíveis estratégias, para a Psicanálise, de se inserir e contribuir com esse debate.

O combate à fome entre a solidariedade e a paranoia (2010-2015)

Durante os governos de Lula e Dilma, o Brasil produziu a maior série histórica de investimentos em políticas públicas voltadas ao combate da fome no país. Isso se deu, no decorrer de suas respectivas gestões, a partir do lançamento de uma série de programas governamentais focados na superação da extrema pobreza, por intermédio de ações interseoriais que incidiram sobre processos de geração de renda, inclusão produtiva e ampliação do acesso a serviços estatais pelas classes sociais mais vulneráveis.

Entre os anos de 2010 e 2015, por exemplo, o Brasil traçou a maior série histórica de investimentos em políticas públicas voltadas ao combate da fome no país (Memorial da Democracia, 2022). A aprovação da Emenda Constitucional nº 64, que incluiu a alimentação como direito social a ser garantido pelo Estado, e a instituição da Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, ainda em 2010, dataram o início de uma agenda política cujo propósito, nas palavras da presidenta Dilma à época, era “o de gritar, o de afirmar para todos nós que a miséria ainda existe no Brasil”. Em seus pronunciamentos públicos, Dilma enfatizava a necessidade de se trazer à luz o problema da fome do Brasil. Um exemplo disso é o discurso de lançamento do *Plano Brasil Sem Miséria*, em 2013:

a pobreza levou muito tempo, mais de três séculos, para ser tornada um tema no Brasil, para entrar na pauta política ou para fazer parte do debate nas nossas universidades e academias. Foram precisos mais de quatro séculos para que seu combate se convertesse de fato em uma política prioritária de governo. A população pobre, a nossa população pobre, os nossos pobres já foram acusados de tudo, inclusive de serem responsáveis pela sua própria pobreza (Biblioteca da República, 2013).

A estratégia governista de redimensionar, no debate público, a responsabilidade do Estado quanto às mazelas da fome (ou seja, deslocando-as do campo da responsabilidade individual), teve como efeito imediato uma série de reações discursivas por parte de opositores e veículos de imprensa. As manifestações midiáticas durante esse período poderiam ser divididas em dois grupos principais: os que qualificavam os discursos governamentais como falaciosos, acusando o governo de sustentar a falsa ideia de que o Brasil seria “um país de classe média” a partir da criação de uma “nova classe C” (Época, 2013); e os que denunciavam o populismo e o desejo de manutenção no poder como as verdadeiras motivações para a implementação das políticas de combate à fome (O tempo, 2013).

Um dos legados desse período para o campo discursivo foi a disputa político-ideológica em torno do significante *solidariedade*. Referida recorrentemente pelo governo como uma qualidade da sociedade civil, e pela mídia como um valor em declínio frente à ascensão do mérito, a *solidariedade* passou a engendrar uma percepção paranoide da realidade, como se o seu emprego desvelasse algum tipo de interesse oculto ou ganho secundário do outro.

A paranoia, inicialmente tomada por Freud (2011 [1924]) como uma neurose de defesa, foi ganhando no decorrer de seus trabalhos uma diferenciação significativa em relação aos sintomas histéricos e obsessivos. Enquanto a histeria e os rituais obsessivos forjam algum tipo de compromisso possível entre o sujeito e a realidade, haveria, na paranoia, uma ausência de formação simbólica. Em contraponto aos recalques fracassados presentes na neurose, na paranoia “não se trata necessariamente de um recalque, mas de um rechaço que produz não uma projeção, e sim, uma regressão à fixação narcísica” (Calazans; Reis, 2014, p. 94). Essa regressão está relacionada, por sua vez, a “um determinado componente da pulsão [que] deixa de acompanhar os demais ao longo do desenvolvimento, e, em consequência, é deixado para trás em um estágio infantil” (Calazans; Reis, 2014, p. 86). Conforme discutem Calazans e Reis (2014), foram os próprios impasses encontrados por Freud em seu trabalho clínico que criaram as condições para o surgimento de conceitos centrais, tais como o de narcisismo e o de recalque primário, a partir dos quais tornou-se possível a compreensão diferencial acerca dos mecanismos psíquicos presentes nas psicoses.

Trata-se, portanto, de uma dinâmica que opera um desinvestimento dos objetos, mantendo apenas os investimentos das representações pré-conscientes. Com isso, o conflito paranoico, ao invés de ser travado entre o Eu e o *isso* (como nas neuroses transferenciais), ou entre o Eu e o Supereu (como nas neuroses narcísicas), incide na relação entre o sujeito e a realidade exterior, fortalecendo o domínio do *isso* e enfraquecendo a influência do mundo externo sobre o Eu. Disso decorre também seu efeito patológico de enfraquecimento dos vínculos e regressão às formas alucinatórias de compreensão da realidade. A diferença entre a posição paranoide e as demais neuroses de defesas decorre do fato de que, enquanto a histeria e os rituais obsessivos forjam algum tipo de compromisso possível entre o sujeito e a realidade, há, na paranoia, uma ausência de formação simbólica. Em contraponto aos recalques fracassados presentes na neurose, a paranoia “não se trata necessariamente de um recalque, mas de um rechaço que produz não uma projeção, e sim, uma regressão à fixação narcísica” (Calazans; Reis, 2014, p. 94). Essa regressão está relacionada, segundo os autores, a “um determinado componente da pulsão [que] deixa de acompanhar os demais ao longo do desenvolvimento, e, em consequência, é deixado para trás em um estágio infantil” (Calazans; Reis, 2014, p. 86).

Quando pensada sob a perspectiva meritocrática, e capturada por um discurso paranoico, toda postura de solidariedade é denunciada como um artifício que visa unicamente esconder outros interesses de natureza evidentemente escusa. Ora, se, conforme a doutrina neoliberal, o indivíduo deve racionalizar seus investimentos (libidinais e materiais) sempre em busca de algum retorno, é de se imaginar que posturas ou atitudes solidárias acabem por despertar um profundo sentimento de desconfiança. Tendo projetado no outro os interesses que ele percebe em si mesmo (porque universais), e diante das manifestações de um injustificado altruísmo, não resta ao paranoico senão desconfiar. Se a política, como sublinha Safalte (2016), é um circuito de afetos, é preciso reconhecer a especificidade da racionalidade que atravessa a política do paranoico, na medida em que se estrutura em

torno da fantasia narcísica que consiste em dirigir ao outro a acusação de tentar obter uma vantagem injusta, isto é, não condizente com seu “mérito”.

O agronegócio e a comida sem história (2016-2018)

Entre os anos de 2016 e 2018, parte significativa dos avanços que haviam sido traçados na década anterior foram progressivamente assolados. Dentre os principais marcos políticos do governo de Michel Temer, os acordos feitos em prol da expansão do agronegócio no Brasil foram um dos pontos de maior destaque. Sob o lema “O Brasil de Temer: presidente certo, na hora certa”, o governo do ex-presidente adotou muitas das medidas que permitiram ao agronegócio ascender como um dos maiores agentes ativos na economia brasileira contemporânea.

Já em 2016, o corte de 40% no Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) significou uma redução drástica de recursos destinados a uma das principais políticas públicas de fortalecimento da agricultura familiar e de enfrentamento da fome e da pobreza no país. Temer também foi o responsável por sancionar, à época, três pautas que há muito assediavam o Legislativo, e que viabilizaram a alteração das regras de demarcação de terras indígenas, permitiram a autorização da compra de terras brasileiras por interesses estrangeiros e mudaram as regras de licenciamento ambiental (El País, 2016). O argumento sustentado por ele na defesa dessas medidas era o de que seria necessário eliminar as “inseguranças jurídicas” que obstaculizavam o avanço do agronegócio no Brasil – um eufemismo para a prática de ilegalidades de forma institucionalizada.

Na medida em que promove uma ruptura com a própria lei e ordem estabelecidas pelo Estado, essa atitude também fabrica uma justificativa em nome da “segurança de um bem-estar social melhor para todos” para dar cabo a sua execução. Não é uma manobra de ocultamento, mas justamente a evidenciação daquilo que precisa ser sobreposto para que se possa promover a agenda da prosperidade econômica. Esse é um exemplo que ilustra perfeitamente a posição de Žižek (2014, p. 24), para quem “a violação das regras públicas não é praticada pelo ego privado, mas imposta por essas mesmas regras públicas, que são redobradas em si mesmas”.

Com isso, áreas antes legalmente reservadas a pesquisas ambientais tornaram-se abertas às atividades de mineração, o que conseqüentemente facilitou a prática de garimpo ilegal em terras até então preservadas. Mas não foi apenas o setor da agricultura familiar a sofrer com as intervenções erráticas do governo: em 2017, mais de 1,1 milhão de famílias foram excluídas do Bolsa Família e as que continuaram a receber o auxílio tiveram os valores do benefício congelados frente à alta da inflação no mesmo ano. Além das pautas relativas à alimentação, Temer também se empenhou na flexibilização dos direitos trabalhistas, em meio à alta histórica de desemprego no país, contribuindo, assim, para o avanço de pautas da ala conservadora no Congresso (El País, 2017).

O cenário era de crise, mas, como também nos relembra Žižek (2012), o capitalismo está permanentemente em crise e é precisamente por isso, segundo o autor, que sua superação parece impossível. A crise capitalista é precisamente a mola que precipita sua constante autorrevolução, adornada de novos produtos, novos *slogans*, novas formas de gozo e, à luz do exemplo anteriormente apresentado, de novos projetos políticos de investimento econômico. Com isso, capitaliza-se a própria crise, e seus sujeitos, alienados, creem estar “fazendo sua parte” para o dito progresso social, ainda que, como nesse caso, isso se dê através de uma sujeição à piora “temporária” das condições de vida.

A própria ideia da agricultura enquanto um negócio – tal como implicado no próprio termo agronegócio, derivado de *agribusiness* –, denota um obstáculo ao reconhecimento das desigualdades do campo, enfatizando-o como um mercado de oportunidades lucrativas e desconectando a produção alimentar de quaisquer dimensões simbólicas, afetivas e de laço social. Destituiu-se, com isso, o alimento de sua raiz, para instalá-lo na cadeia de produção que opera a partir de máquinas, e não de sujeitos. Através dessa racionalização, o agronegócio transforma o alimento, com todas as suas vicissitudes, em algo sem história e pobre de referências culturais. O alimento sem história, ao perder sua relação com a cultura, com a comunidade e com os laços que o sustentam no interior de uma rede simbólica, pode, inclusive, ser mais facilmente desterritorializado e apropriado ideologicamente por projetos políticos de interesses escusos.

Assim, através das propagandas de alimentos a-históricos, o agronegócio se instrumentalizou para ocultar a realidade produtiva daquilo que vende – em termos de mão de obra produtiva e dos próprios produtos. Isso se demonstra facilmente no nicho de carnes e seus derivados, cujas propagandas recortam a realidade e emolduram-na de modo a excluir aquilo que geraria um mal-estar ao comparecer na cena. Como parte da lógica industrial, os animais do agronegócio são vistos como um meio para um fim, e “no intuito de atingir seus objetivos, [o agronegócio] produz discursos que euforizam o produto pronto, evidenciando sua qualidade e os benefícios nutricionais e sociais do seu consumo” (Alves Filho; Piovezani, 2020, p. 229). É desse modo que “o animal é desindividualizado e objetificado como matéria-prima de um tipo de mercadoria alimentícia” (Alves Filho; Piovezani, 2020, p. 229), perdendo assim, sua história.

Ademais, as teorias marxistas há muito enfatizam que a mercadoria não pode ser resumida a um objeto que compramos e consumimos. A mercadoria, como a carne, é um objeto investido de sutilezas metafísicas que refletem uma transcendência invisível, como uma qualidade invisível (Marx, 2011 [1996]). As propagandas, então, não abarcam apenas as propriedades positivas do objeto à venda, como os nutrientes e a finalidade do consumo (o de aplacar a fome), mas também essa dimensão de “algo a mais”, um excesso que é próprio do que Lacan (2005 [1962-1963]) denominou como o objeto-causa do desejo, o objeto *a*. Essa dimensão não está contemplada nas propriedades objetivas e factuais da mercadoria, mas no excesso ilusório que as atravessa. Sendo assim, todo objeto comporta em si o equilíbrio delicado de duas dimensões: aquilo que se compra (a carne) e o excedente

(o sentimento de pertencimento a uma classe superior, a ilusão de acesso igualitário ao mercado de consumo, a reprodução imaginária das cenas de comerciais que apresentam um churrasco em família como semblante de uma vida feliz etc.).

É nesse sentido que, em seu funcionamento, a ideologia não opera a partir de um significado fixo que conferimos à realidade. Como nos apresenta Žižek (2012), ela se assemelharia muito mais a uma moldura oca, e que, justamente por ter essa abertura, comportaria a todos os significados possíveis, estruturada em torno daquilo que Laclau denominou “significante vazio”, elo que cria condições para a convergência de significados diversos em um mesmo discurso (Laclau, 2011).

Essa moldura, no entanto, nunca é tão neutra quanto pode parecer. Ao apresentar a carne em sua forma final, limpa e embalada, evita-se que o consumidor entre em contato com a história desagradável daquele produto: as vísceras, o cadáver, o sangue e a violência que marcaram sua produção. O objetivo, aqui, é apagar a história dos alimentos através da construção de uma cena alternativa, que gere um maior nível de identificação – e, conseqüentemente, um maior apelo aquisitivo – por parte dos consumidores.

É assim que, ao capitalizar a própria crise, o capitalismo promove uma autorrevolução permanente adornada de novos produtos, *slogans* e projetos políticos de investimento econômico. O crescimento assombroso do agronegócio, um dos principais legados do período aqui examinado, constituiu-se como um obstáculo aos debates acerca das desigualdades latifundiárias e das problemáticas advindas do aumento massivo de exploração campestre, empobrecendo, com isso, a dinâmica de produção alimentar em suas dimensões simbólicas, afetivas e de laço social.

Até o osso: às voltas da fome (2019-2022)

A chegada de Bolsonaro ao poder representou a catalisação da crise alimentar que, no governo de Temer, já começava a se instaurar. Logo em seu primeiro dia de governo, o ex-capitão extinguiu o maior órgão consultivo promotor de participação da sociedade civil na formulação e avaliação de políticas públicas de segurança alimentar e nutricional, o Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea). Em 2020, com a chegada da pandemia de covid-19, os índices de fome no Brasil passaram de preocupantes a gravíssimos (Penssan, 2021).

Em uma dinâmica inédita, popularizaram-se matérias jornalísticas que veiculavam alternativas e substituições possíveis para alimentos que estão encarecendo, instruindo as famílias sobre como renunciar à combinação familiar de arroz, feijão e carne. Partes desprezadas da carne, como os pés de frango, a pele, os ossos e alguns restos que antes iam para o lixo, passaram a ser vendidos ou doados em supermercados em todo país, preocupando especialistas da nutrição por serem indicadores claros da piora nas condições alimentares dos brasileiros (UOL, 2021c). Imagens de pessoas comendo lixo e restos em locais de

descarte orgânico também ganharam a cena midiática, sendo recorrentemente divulgadas em jornais, revistas e programas de televisão.

A repetição dessas imagens parece traduzir uma tentativa de digestão de uma nova realidade, em que a fome voltava à cena, agora mais próxima do que nunca. Como postula Žižek (2015, p. 33), no entanto, “não foi a realidade que invadiu a nossa imagem: foi a imagem que invadiu e destruiu a nossa realidade”, já que as próprias coordenadas simbólicas norteadoras da experiência de realidade foram desorganizadas em decorrência das cenas vividas no decorrer da pandemia e da repetição incessante de imagens que anunciavam a volta galopante da miséria.

As imagens da fome permitem, de alguma forma, uma imaginarização desse resto inassimilável, estruturando uma cena simultaneamente pacificadora (a imagem está na TV ou nas revistas, demarcando uma certa distância entre o sujeito e a tragédia) e perturbadora (de difícil assimilação, geradora de angústia), como o retorno do Real por intermédio de um novo semblante. Segundo Žižek:

exatamente por ser real, ou seja, em razão de seu caráter traumático e excessivo, não somos capazes de integrá-lo na nossa realidade (no que sentimos como tal), e, portanto, somos forçados a senti-lo como um pesadelo fantástico (Žižek, 2015, p. 36).

Assim, com cinismo e literalidade, o capitalismo usa dessas imagens para agenciar a gratidão dos sujeitos por sua própria exploração, ao alocá-las como um contraponto à situação de miséria produzida pelo próprio sistema. É cínico na medida em que legitima a desagregação dos próprios normativos da socialização sem implicar uma necessidade de ruptura com essa conjuntura, instaurando-o num lugar de “novo normal”. E é literal, pois expõe sem mediação a crueza do Real em cena. As fotos e matérias de pessoas se alimentando de lixo não buscam disfarçar ou ocultar de quaisquer formas a realidade em jogo, mas, ao contrário, evidenciá-la, de modo a funcionar como uma interpelação ao trabalho, à produção e à manutenção do sistema de exploração vigente. De certa forma, essa estratégia também fratura nossa imaginação política e as possibilidades de devanear um mundo diferente, precarizando, por conseguinte, os recursos para o enfrentamento dessa realidade perversa. É atravessado por essa realidade que o brasileiro se voluntaria às mais precárias condições de trabalho para poder comer; com medo da alternativa de comer do lixo.

A estratégia de noticiar a fome e o aumento da miséria vinculou-se também aos apelos à solidariedade alheia, convocando doações e divulgando projetos sociais com os quais a sociedade civil poderia contribuir. Não nos esqueçamos de que a ideologia, apesar de seu caráter fortemente imaginário, existe em ato. Cada prática cotidiana, nesse sentido, “existe dentro da existência material de um aparelho ideológico, nem que seja numa pequena parte do aparelho” (Althusser, 1996, p. 130), até mesmo como um pequeno ato de doação. A mensagem ideológica latente, nesses casos, é a mesma identificada por Žižek (2014, p. 19) na análise de cenas midiáticas de crianças subnutridas na África

pedindo por ajuda: “não pense, não politize, esqueça as verdadeiras causas da pobreza, apenas aja, dê dinheiro, assim você não terá de pensar”.

A ideologia bolsonarista, ao correlacionar o aumento das taxas de fome com a quarentena imposta, e a conseqüente diminuição da carga produtiva do trabalho com o aumento da inflação, também contribuiu para uma espécie de perda do espaço do Real na realidade. Ao reduzir o problema da fome às questões econômicas, Bolsonaro e Paulo Guedes, seu ministro da Economia, precarizaram as condições de complexidade do debate, retirando dele sua essência e ocultando os fatores sóciohistóricos, antropológicos, nutricionais e, sobretudo, de saúde pública que o compõem.

À luz da narrativa promovida pelo governo, a crise alimentar diria respeito unicamente aos efeitos da deterioração econômica trazida pela pandemia, de modo que conteria ser combatida unicamente pela frente econômica, sem envolver outros domínios da vida pública. Como discute Jappe (2021, p. 27), esse tipo de “totalitarismo de uma única abordagem do fenômeno humano” dialoga radicalmente com o próprio totalitarismo político, uma vez que facilita, ideologicamente, a fragmentação de questões políticas e sociais complexas em favor da ascensão de uma única vertente – no caso, a que endossa o mercado e as instituições financeiras do país.

Segundo o portal de verificação de notícias *Aos Fatos* (2022), Bolsonaro fez 47 declarações criticando “a politicalha do ‘fica em casa, a economia a gente vê depois’” durante os dois primeiros anos da pandemia, agenciando a descredibilização das instruções da Organização Mundial da Saúde (OMS) e dos demais órgãos de saúde em prol do ganho de espaço para a pauta econômica em seu governo. Concomitantemente ao aumento de declarações desse tipo, houveram também as de cunho negacionista, quando, por exemplo, ao ser interpelado sobre a questão da fome no Brasil, o ex-presidente chegou a declarar mais de uma vez que “falar que se passa fome no Brasil é uma mentira” (El País, 2020), qualificando de “populistas” os discursos que alertavam para a piora nos índices alimentares no país.

A negação, como sabemos, comumente desempenha um papel de defesa inconsciente. A própria ideologia, pode-se dizer, corresponde a um “discurso da realidade que tenta *negar* o Real (recalcado e antagônico)” (Sousa Filho, 2016, p. 25). Essa negação se alastra frente à realidade institucionalizada, desestabilizando-a, perturbando-a desacomodando-a de seu semblante estável. Para isso, muitas vezes, lança-se mão de uma narrativa cuja estrutura é projetiva e paranoica, como já vimos anteriormente. O aspecto projetivo, aqui, pode ser observado em alguns dos pronunciamentos de Bolsonaro à época.

Sobre o manejo da crise alimentar em estados cujas gestões governamentais aderiram às políticas de isolamento social, o presidente mencionou, por exemplo, que, em determinada região, “praticamente acabaram os cães e gatos, que foram comidos pela população passando fome” (Correio Braziliense, 2019). Esse exemplo falacioso fazia alusão a como o Brasil, caso continuasse a seguir as restrições impostas pela OMS, viraria “uma Venezuela”, a qual, segundo declarações do presidente, também não teria cães ou gatos, pois estes

estariam sendo comidos pela população para aplacar a fome em meio à crise econômica (Correio Braziliense, 2019). Ou seja, através da denúncia de um suposto viés comunista no manejo da crise pelos estados, Bolsonaro buscou eximir-se de qualquer responsabilidade quanto ao agravamento do problema da fome no país.

Por meio de uma interpretação cínica da realidade, a ideologia bolsonarista tenta provocar uma espécie de deslocamento do problema, que deixa (imaginariamente) de ser a fome e passa a ser, então, “os comunistas”, que estariam se aproveitando da desestabilização econômica do país para ganhar terreno. Essa operação ideológica engendra uma realidade psíquica requintada de fantasias de medo, suspeita e ódio a um inimigo fantasma, fomentando a polarização social, dificultando qualquer tipo de organização da sociedade civil, e, por conseguinte, desviando a atenção de parcela da população dos verdadeiros problemas do país. Em resumo, essa estratégia personifica todos os males sociais em uma imagem (a da bandeira comunista, por exemplo) que condensa e escamoteia, na figura de um invasor externo, os conflitos estruturais dos quais a fome é um dos resultados. Por meio da criação de um inimigo imaginário, os afetos de revolta e busca por proteção encontram um meio de expressão em condutas violentas, individualistas, produzindo, assim, um discurso paranoide sobre a realidade (Furlan, 2018).

Como efeito dessa agenda paranoica, a banalização da fome no Brasil chegou a tal nível que, em 2021, tornou-se comum ver famílias inteiras se alimentando de ossos achados no lixo. Nesse sentido, o caráter ultraindividualista da ideologia bolsonarista não se limitou à querela em torno da necessidade de adesão aos protocolos de saúde, mas também adentrou no campo da alimentação, reiterando a responsabilização do sujeito por sua situação de falência alimentar. À medida que a responsabilidade do Estado foi sendo reduzida, os anseios pelo retorno às atividades de trabalho presenciais foram incentivados como único meio de recomposição econômica, levando as parcelas mais vulneráveis da população a ter que optar entre expor-se ao vírus para garantir um sustento mínimo ou manter-se em isolamento e passar fome.

Ainda em 2020, enquanto os primeiros sinais da crise alimentar começavam a se apresentar através da alta na inflação e das dificuldades de abastecimento das redes de supermercados em função da pandemia de covid-19, figuras políticas do Ministério da Economia comemoravam as taxas de venda de soja e carnes bovinas e suínas no mercado externo, que bateram recordes em suas receitas de exportação, crescendo 29% em comparação ao mesmo período do ano anterior (Globo Rural, 2020). Esta talvez seja a face mais perversa da crise alimentar deflagrada durante o governo de Bolsonaro: a desumanização promovida pelo Estado, que, ao não garantir condições mínimas para uma existência digna à população mais carente, tolheu suas possibilidades de enfrentamento do trauma da fome que se agravou a níveis coletivos, dada a precarização dos recursos simbólicos disponíveis para dar conta da irrupção da angústia daí advinda.

Considerações finais

À guisa de conclusão, caberia perguntarmos: qual é, afinal, o Real para o qual apontam esses discursos? Como pensar a *práxis* psicanalítica no contexto de um país faminto? Acaso a própria dinâmica das refeições à base de ossos poderia nos fornecer coordenadas sobre as formas de inscrição do núcleo traumático em torno do qual uma análise se desenvolve? Em *O osso de uma análise*, Jacques-Allan Miller (1998), na trilha de Lacan, caracteriza o percurso analítico como sendo homólogo ao de uma travessia, partindo do sintoma e do desejo que ele articula e concluindo-se no encontro com o Real, na emergência do sujeito ao nível da singularidade de seus modos de gozo. O Real do qual se trata ao final de uma análise é um resto não simbolizável, ponto irreduzível ao qual a travessia nos permitiria chegar e que, em verdade, está posto desde o princípio, pois o próprio sintoma contém em si, dele, uma parcela. Poder-se-ia dizer que, tal como uma carne que se come até chegar aos ossos (seus restos), a análise é um trabalho orientado à digestão do sintoma até seu núcleo irreduzível, o que Miller (1998, p. 40) denominou como “redução ao osso”.

O osso de uma análise é, então, esse resto que encarna a existência do inconsciente em sua dimensão estrutural. Eliminá-lo significaria curar o sujeito da cisão ontológica da qual ele é efeito, ou seja, curá-lo de sua condição de ser falante (“falta-a-ser”). Na análise, o encontro com o Real não consiste em algum tipo de reconciliação do sujeito consigo mesmo, ou de uma reintegração do gozo, em sua pura contingência, no interior da rede de significantes que sobredeterminam o sujeito. Trata-se, antes, de um encontro muito mais à maneira de um esbarrão, para usar um termo caro à Clarice Lispector (2020), um encontro “de soslaio”, na medida em que implica o impossível da relação sexual, e que, por implicá-lo, não é sem angústia que ele se dá (Miller, 1998). Precisamente, a angústia que Lacan ensinava advir do encontro com o desejo do Outro em sua dimensão radical (Lacan, 2005 [1962-1963]).

Mas, diferentemente da análise, que dá ao sujeito condições de sustentar esse ponto de não-sentido, convocando-o a elaborar o que daí sobrevém, a dinâmica da fome no Brasil traz à cena o Real da fome, encarnada (ou desencarnada) na alimentação baseada em ossos e restos, sem dar aos sujeitos uma possibilidade de se ausentar desse ponto de angústia extrema, ou, em outras palavras, de simbolizá-lo. Escolher todos os dias entre comer lixo ou não comer, ou entre alimentar sua família com restos ou deixá-la à mercê da fome, eis uma imposição do Real que inviabiliza qualquer ética, uma vez que apaga e silencia os sujeitos, exacerbando a angústia ao ponto de suprimir o potencial apaziguador da rede simbólica em bordejar os furos instaurados pelo Real. Queremos dizer com isso, finalmente, que o Real, do qual se trata o termo de um processo analítico, não prescinde da linguagem e da simbolização; antes, os pressupõe.

Gestou-se, ao longo dos últimos anos, um país desnutrido de direitos. A crise alimentar é também uma crise da subjetividade, terreno fértil para o florescimento narcísico do individualismo. Neste cenário, resta à Psicanálise o desafio de criar e recriar as condições de recordação, repetição e elaboração das mazelas estruturais sob o signo das quais foi

tramada a história do país e de seus sujeitos, mas isso depende da construção de um discurso de resistência, em uma linguagem historicizada e crítica, capaz de confrontar os discursos hegemônicos da atualidade e, assim, redefinir o lugar do psicanalista na *pólis*.

Referências

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estados (Notas para uma investigação). In: *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 105-142.

ALVES FILHO, Manoel Sebastião; PIOVEZANI, Carlos. Discursos publicitários do agro-negócio: sentidos da carne na sociedade brasileira contemporânea. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 21, n. 2, p. 219-239, 2020.

APESAR da pandemia, Brasil bate recorde na exportação de soja, carnes e algodão em abril. *Revista Globo Rural*, 2020. Disponível em: <https://revistagloborural.globo.com/Noticias/Economia/noticia/2020/05/apesar-da-pandemia-brasil-bate-recorde-na-exportacao-de-soja-carnes-e-algodao-em-abril.html> . Acesso em: 7 out. 2021.

BOLSONARO: Falar que se passa fome no Brasil é uma grande mentira, é um discurso populista. *El País*, 2020. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/19/politica/1563547685_513257.html. Acesso em: 25 abr. 2022.

CALAZANS, Roberto; REIS, Leandro Nogueira dos. O conceito de paranoia em Freud. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 34, n. 1, p. 80-95, 2014.

CONSUMO de pé de galinha em alta e outros 5 dados que revelam retrato da fome no Brasil. *UOL*, 2021a. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/bbc/2021/10/05/consumo-de-pe-de-galinha-em-alta-e-outros-5-dados-que-revelam-retrato-da-fome-no-brasil>. Acesso em: 2 de outubro de 2021.

COMBATE à fome. *Memorial da Democracia*. Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/combate-a-fome/>. Acesso em: 19 jun. 2022.

DE picanha e cerveja a Louro da Havan: discurso de Lula gera memes na web. *UOL*, 2021b. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/03/10/pronunciamento-lula-memes.htm>. Acesso em: 31 mar. 2022.

DISCURSO da presidenta da república Dilma Rousseff na cerimônia de lançamento do plano de superação da extrema pobreza. Biblioteca da Presidência, 2013. Disponível em: www.biblioteca.presidencia.gov.br/discursos/discursos-da-presidenta/discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-lancamento-do-plano-de-superacao-da-extrema-pobreza-2013-brasil-sem-miseria. Acesso em: 31 mar. 2022.

EM 1.220 dias como presidente, Bolsonaro deu 5.375 declarações falsas ou distorcidas. Aos Fatos, 2022. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/todas-as-declara%C3%A7%C3%B5es-de-bolsonaro/>. Acesso em: 7 maio 2022.

ESTOQUE de carisma de Lula. *O Tempo*, 2013. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/opiniaio/gaudencio-torquato/subscription-required-7.5927739?aId=1.745312>. Acesso em: 31 mar. 2022.

FREUD, Sigmund. (1924). A perda da realidade na neurose e na psicose. In: *Sigmund Freud – Obras Completas*, 2011, v. 16, p. 214-221.

FURLAN, Vinícius. Uma Análise Psicopolítica do Fascismo Brasileiro. *Revista Gestão & Políticas Públicas*, v. 8, n. 1, p. 39-53, 2018.

JAPPE, Anselm. *A sociedade autofágica: capitalismo, desmesura e autodestruição*. Elefante, 2021.

LACAN, Jacques. (1962-1963) *O seminário. Livro X: a angústia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, v. 10.

LACLAU, Ernesto. *Emancipação e diferença*. Rio de Janeiro, Eduerj, 2011

LISPECTOR, Clarice. *Água Viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

LULA diz que incomoda muita gente que os pobres estejam evoluindo. *G1*, 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2013/10/lula-diz-que-incomoda-muita-gente-que-os-pobres-estejam-evoluindo.html>. Acesso em: 31 mar. 2022.

MAIS miséria, mais fome: 2 milhões de famílias caíram na extrema pobreza durante o governo Bolsonaro. *UOL*, 2021c. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/reportagens-especiais/mais-miseria-mais-fome/>. Acesso em: 29 set. 2021.

MARCO Antônio Villa: a década petista é a década da falácia. *Época*, 2013. Disponível em: <https://epoca.oglobo.globo.com/ideias/noticia/2013/11/bmarco-antonio-villab-decada-petista-e-decada-da-falacia.html>. Acesso em: 31 mar. 2022.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política* (2011). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

MILLER, Jacques-Alain. [Seminário]. *O osso de uma análise*. Seminário proferido no VIII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano e II Congresso da Escola Brasileira de Psicanálise. Bahia: Biblioteca Agente, 1998.

“NÃO tem cachorro nem gato na Venezuela. Comeram tudo!”, diz Bolsonaro. *Correio Braziliense*, 2019. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2019/08/15/interna_politica,777403/nao-tem-cachorro-nem-gato-na-venezuela-comeram-tudo-diz-bolsonar.shtml. Acesso em: 25 abr. 2022.

PENSSAN, Rede. VIGISAN. *Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil*. 2021.

SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

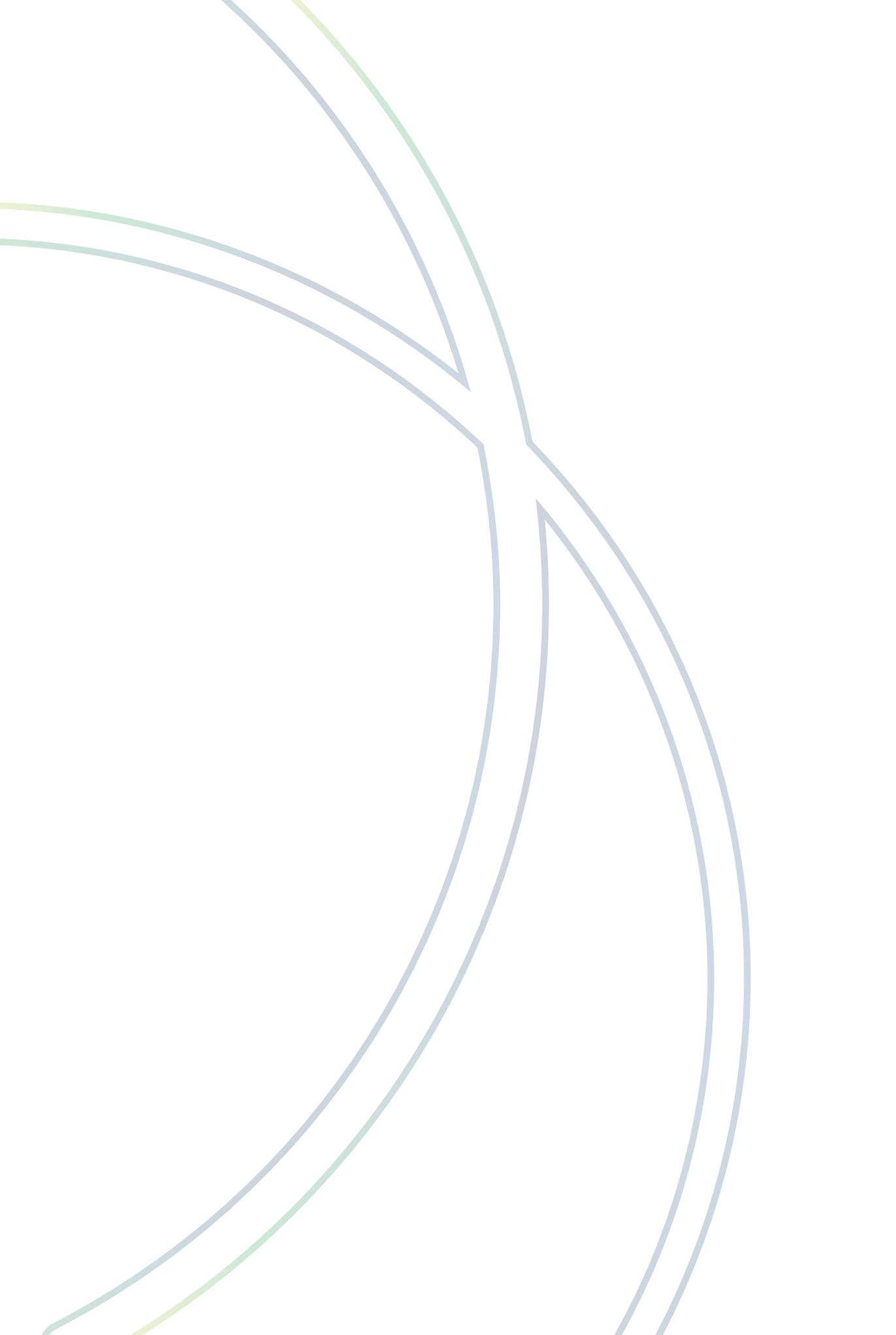
SOUSA FILHO, Alípio. O que é ideologia? A conceituação pós-marxista. In: *O que é Ideologia?* Lisboa: Escolar, 2016.

TEMER acena a ruralistas com apoio a mudança em demarcação de área indígena. *El País*, 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/13/politica/1468363551_264805.html. Acesso em: 11 abr. 2022.

ŽIŽEK, Slavoj. *Bem-vindo ao deserto do real!:* cinco ensaios sobre o 11 de setembro e datas relacionadas. São Paulo: Boitempo, 2015.

ŽIŽEK, Slavoj. *Vivendo no fim dos tempos*. São Paulo: Boitempo, 2014.

ŽIŽEK, Slavoj. *The pervert's guide to ideology*. Direção: Sophie Fiennes, 2012.



Sobre os autores e organizadores

Alessandra Carvalho Vieira da Silva. Psicóloga e Psicanalista. Mestre em Psicologia Clínica pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: alessandravcs@gmail.com

Alexandre Staerke Vieira de Rezende. Psicólogo clínico familiar sistêmico. Mestrando pela Universidade de Brasília (UnB). Gestor em Políticas Públicas do DF. Especialista em Psicologia Clínica e em Gestão Governamental. Contato: alexandre.staerke@gmail.com

Aline Vidal Varela. Psicóloga e Psicanalista. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL) Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Contato: alinevidalpsi@gmail.com

Alvinan Magno Lopes Catão. Psicólogo. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Doutor em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: alvinanmagno@gmail.com

Amanda Soares Dias. Psicóloga da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: diasam.asd@gmail.com

Ana Giulia de Araújo Conte. Psicanalista. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Psicologia Clínica e Cultura (PPGpsiCC) pela Universidade de Brasília. Especialista em Teoria Psicanalítica pela Faculdade Inspirar. Contato: giulia_conte@hotmail.com

Ana Isabel Pereira. Psicóloga pela Universidade de Brasília (UnB). Pós-graduada em Docência do Ensino Superior pelo Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Contato: anaisabelpsi@outlook.com

Antônio Trevisan. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). Contato: netogarcia8@gmail.com

Carla Sabrina Xavier Antloga. Doutora pela Universidade de Brasília (UnB). Professora Associada do Departamento de Psicologia Clínica (PCL) e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB), Coordenadora do Grupo de Estudos em Psicodinâmica do Trabalho Feminino (Psitrafem). Contato: antlogacarla@gmail.com

Cintia da Silva Lobato Borges. Psicóloga e Psicanalista. Professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: cintialobato@yahoo.com.br

Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato. Psicanalista. Mestre e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Bolsista da FAP-DF. Membro do Laço Analítico – Escola de Psicanálise, Varginha (MG). Contato: claudia.beato1@gmail.com

Daniela Scheinkman Psicanalista. Doutora em Filosofia e Mestre em Psicanálise pela Université de Paris 8. Professora Titular do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL) Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Membro do GT da ANPEPP: *Psicanálise, Clínica e Política*. Pesquisadora do CNPq com o projeto: *Temporalidade e elaboração do sofrimento psíquico na pandemia da covid-19: corpo e trauma na psicanálise*. Contato: daniela.scheinkman@gmail.com

Eduardo Ribeiro Vasconcelos. Psicólogo da Diretoria de Serviços de Saúde do Superior Tribunal Militar. Mestre em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: eduardo_vasconcelos82@hotmail.com

Eduardo Portela. Psicanalista. Mestre em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: eduardopnb@gmail.com

Eliana Rigotto Lazzarini Psicanalista. Doutora e Mestre em Psicologia (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília. Membro do GT em Psicanálise e Clínica Ampliada da ANPEPP. Pós-doutora pela Université Sorbonne Paris 13 (França). Contato: elianalazzarini@gmail.com

Elzilaine Domingues Mendes. Doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB) com Estágio Doutoral na Université Lumière Lyon II. Professora Associada do curso de Psicologia da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Contato: elzilaine_mendes@ufcat.edu.br

Fabrcio Gonçaves Ferreira. Psicólogo. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Membro da Articulação Nacional de Psicólogas(os) Negras(os) e Pesquisadoras(es) (ANPSINEP-DF). Contato: fabricioferreira.psicologia@gmail.com

Fernanda Guerra Roman Náufel do Amaral. Psicóloga. Licenciatura em Filosofia pela Universidade de Brasília (UnB) e pós-graduanda em Psicanálise com Crianças e Adolescentes pelo Instituto de Ensino Superior em Psicologia e Educação (ESPE). Contato: ssvnta@gmail.com

Guilherme Henderson. Psicanalista. Doutor em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Professor do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Membro da Associação Lacaniana de Brasília (ALB). Contato: guilhermefh@gmail.com

Hugo Martins Gomes da Silveira. Psicólogo pela Universidade de Brasília (UnB). Pesquisador de Percepção de Qualidade em Prestação de Serviços. Pesquisador de Saúde Mental e Cultura. Contato: hugomgs11@gmail.com

Igo Gabriel dos Santos Ribeiro. Psicólogo. Mestre em Psicologia e Sociedade (UNESP). Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Membro do Instituto AMMA Psique e Negritude e da Articulação Nacional de Psicólogas(os) Negras(os) e Pesquisadores. Contato: igoribeiro@gmail.com

Ingrid Fernandes dos Santos. Psicóloga pela Universidade de Brasília (UnB). Mestranda em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília. Contato: ingridfernandes2628@gmail.com

Ingrid Mello Pereira Soti. Psicóloga. Educadora em Diabetes pela Associação Nacional de Atenção ao Diabetes (ANAD). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: ingridsoti.psi@gmail.com

Isadora Fane Carvalho e Silva Lustosa. Psicanalista. Bacharelado em Psicologia pela Universidade Fundação Mineira de Educação e Cultura (FHC/FUMEC). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL) Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Contato: isafane.c@gmail.com

Jean-Michel Vivés. Psicanalista e Professor de Psicopatologia Clínica da Université Côte d'Azur (Nice, França). Membro do Corpo Freudiano – Escola de Psicanálise (seção Rio de Janeiro). Contato: jeanmichelvives@gmail.com

Jéssica Nayara Cruz Pedrosa. Psicanalista e Psicóloga. Mestre em Letras e Artes (UEA). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) da Universidade de Brasília (UnB). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL) Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Contato: jessicancpedrosa@gmail.com

Joyce Juliana Dias de Avelar. Psicóloga. Mestranda em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Contato: joyce.avelarpsi@gmail.com

Juliano Moreira Lagoas. Psicanalista. Doutor em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Professor de Psicologia do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Contato: julianolagoas@hotmail.com

Laene Pedro Gama. Psicanalista. Psicóloga da Universidade de Brasília (UnB). Doutora em Psicologia pela École doctorale Sociétés, Humanités, Arts et Lettres da Université Côte d'Azur (França). Doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela UnB (PPG-PSICC). Contato: laenegama@gmail.com

Lara Gabriella Alves dos Santos. Psicóloga. Doutoranda em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Contato: laragabriellapsi@hotmail.com

Katia Cristina Tarouquella Brasil. Psicanalista. Doutora em psicologia pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília. Pesquisadora associada da Universidade de Rouen (França) e membro da Associação Internacional de Psicodinâmica do Trabalho. Contato: ktarouquella@gmail.com

Márcia Cristina Maesso. Psicanalista. Doutora e Mestre pelo Instituto de Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo (USP). Professora do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) da Universidade de Brasília (UnB). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano-EPFCL-Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Membro do GT da ANPEPP: Psicanálise, Clínica e Política. Contato: maessomc@gmail.com

Marco Antônio Coutinho Jorge. Psiquiatra e Psicanalista. Professor associado e Procientista do Departamento de Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Diretor do Corpo Freudiano – Escola de Psicanálise (seção Rio de Janeiro). Membro da Sociedade Internacional de História da Psiquiatria e da Psicanálise (Paris, França). Membro da Association Insistance (Paris). Contato: macjorge@corpofreudiano.com.br

Melissa Souza Silva. Psicóloga Clínica. Mestranda em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Associada ao Corpo Freudiano Escola de Psicanálise (Núcleo Brasília). Pós-graduada em Psicopatologia, Psicanálise e Clínica Contemporânea e Fundamentos da Psicanálise: teoria e clínica. Pesquisadora da saúde mental de mulheres e pessoas pretas. Contato: melissasouza.psicologia@gmail.com

Muriel Romeiro da Costa e Silva. Psicóloga. Mestre em Psicologia (UFG). Doutoranda em Psicologia Clínica pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica (PPG-PsiCC) e Cultura pela Universidade de Brasília (UnB). Contato: murielrcosta.silva@gmail.com

Nelson de Abreu Júnior. (*in memoriam*). Foi psicanalista e psicólogo. Mestre em educação pela Universidade de Havana. Doutor em educação pela Universidade de Brasília (UnB) e professor titular na Universidade Estadual de Goiás (UEG), até a data de seu falecimento em 2021, decorrente da covid-19.

Patrícia da Cunha Pacheco. Psicanalista. Mestre em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Contato: ppacheco.psicanalise@gmail.com

Renato Palma. Psicólogo e Psicanalista. Doutor em Psicologia pela École Doctorale Sociétés, Humanités, Arts et Lettres na Université Côte d'Azur (França); doutor e mestre em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e especialista em Psicanálise e Saúde Mental pela mesma universidade. Analista membro do Corpo Freudiano - escola de psicanálise (seção Rio de Janeiro). Atua como professor, supervisor clínico e psicanalista.

Roberto Medina. Doutor em Teatro e Literatura (Póslit-UnB) e Doutorando em Psicanálise (PPG-PsiCC-UnB). Tradutor, escritor, dramaturgo, crítico de teatro, de literatura e de cinema e diretor de teatro. Contato: prof.medina@gmail.com

Samuel Ted Almeida de Pereira. Psicólogo de um Serviço de Acolhimento Institucional em Residência Inclusiva de Unaí/MG, Psicanalista e Trabalhador do Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Mestre em Psicologia Clínica e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (UnB). Contato: samueltedpereira@gmail.com

Valéria Brisolara. Doutora em Letras (PPGLetras-UFRGS). Professora da Universidade do Vale do Rio do Sinos (UNISINOS). Tradutora Pública e Intérprete Comercial do Estado do Rio Grande do Sul (JUCIS-RS) e membro da Associação de Tradutores Juramentados do Estado do Rio Grande do Sul (ASTRAJUR-RS) e da ABRATES (Associação Brasileira de Tradutores e Intérpretes). Contato: valeriabrisolara@gmail.com

Vanessa Correa Bacelo Scheunemann. Psicóloga da Universidade de Brasília (UnB). Mestre em pela Universidad Kennedy de Buenos Aires (Argentina). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília. Contato: vcbscheunemann@gmail.com

Valéria Machado Rilho. Psicanalista. Psicóloga da Universidade de Brasília (UnB) Mestre e Doutora em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília. Membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Contato: valrilho@gmail.com

Vitor Luiz Neto. Psicólogo Clínico. Doutor em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Professor substituto no departamento de Psicologia da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Pesquisador em Psicanálise e Cultura e em Psicologia Social Crítica. Contato: vitorluiz.neto@gmail.com

A Editora UnB é filiada à



Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

INTERFACES EM PSICANÁLISE

Subjetivações e Cultura

O livro surge do trabalho de pesquisa do Laboratório de Psicanálise e Subjetivação do PPG-PsiCC da Universidade de Brasília, que culmina no desejo de aprofundar na leitura psicanalítica contemporânea do sofrimento psíquico. O discurso analítico toma a linguagem como possibilidade de construção de novas narrativas e tem como compromisso ético-político transmitir e promover debates sobre o mal-estar na atualidade. O livro divide-se em cinco eixos-temáticos: “Psicanálise e parentalidade”: abordamos a elaboração psíquica e a construção de estratégias dadas pelas mulheres, uma a uma, frente à maternidade, além de costurar a concepção da parentalidade à clínica analítica; “Psicanálise e relações raciais”: propomos pesquisas sobre o sofrimento sociopolítico e suas consequências para a subjetividade dos sujeitos negros; “Psicanálise, arte, literatura e cultura”: trabalhamos a articulação entre psicanálise e arte, pensando a arte estruturada como uma linguagem do inconsciente, este, por sua vez, também estruturado como uma linguagem; “Psicanálise e trabalho feminino”: busca-se promover reflexões referentes à associação da subjetividade com as relações de gênero e trabalho, além de construir paradigmas que repensem as relações de trabalho e feminilidade; “Psicanálise extramuros/políticas públicas”: destaca-se a presença do psicanalista em espaços antes não pensados e que permitem a abertura de dispositivos clínicos adequados ao contexto social e às políticas públicas.

EDITORA



UnB



Pesquisa,
Inovação
& Ousadia